

**Que principais tendências podem ser verificadas ao nível do Venture Capital, Private Equity e mercados de capitais em geral a presente conjuntura? Quais os principais segmentos que poderão encontrar suporte nestas modalidades de investimento e quais as condições que estas entidades colocam?**

Os especialistas presentes na X Edição do nosso Congresso Internacional de Capital de Risco e Empreendedorismo confirmaram com um conjunto de dados bem sustentados que o Private Equity atravessou no ano de 2009 um período bastante conturbado apesar de no último trimestre a tendência se ter começado a inverter. De facto para que se possa ter uma ideia mais concreta sobre esta situação refira-se que em 2009 nos EUA foram investidos cerca de 22.4 mil milhões de USD contra 31.5 mil milhões em 2008 correspondentes a 597 e 2562 operações, respectivamente. Por sua vez na Europa os valores investidos em 2009 foram de 3.4 mil milhões de euros contra 5.2 mil milhões em 2008, correspondentes a 979 e 1274 operações, respectivamente.

No que diz respeito aos sectores de actividade mais interessantes para os Fundos de Private Equity eles encontram-se nas ciências da vida, energias alternativas e tecnologias de informação. De referir que ao nível dos Business Angels a tendência de investimento está cada vez mais associada, principalmente nos EUA, a projectos que visam aproveitar as potencialidades da WEB 2.0.

Quanto às condições exigidas elas acabam por estarem relacionadas com Equipes de Gestão muito bem estruturadas, necessidades a satisfazer perfeitamente delineadas e profundo conhecimento das áreas de negócio onde essas necessidades são identificadas.

**- De que modo se coloca a gestão da variável risco neste âmbito?**

O risco e o retorno são duas faces da mesma moeda.

Devido ao facto de haver escassez de crédito, os projectos são menos alavancados, logo com um reforço dos capitais próprios, pelo que o risco de capital dos Business Angels aumenta, mas o risco projecto diminui.

Com o aumento de capitais próprios, diminui o número de projectos financiáveis.

Projectos com pay back mais rápido tendem a ter mais procura do que projectos com pay back mais longo.

Os business angels e as capitais riscos podem ainda diminuir o risco de uma determinada operação fazendo sindicância dos investimentos com outros players no mercado ou através de fundos de co-investimento como é o caso em Portugal dos fundos FINICIA.

**- Quais os principais temas que serão tratados no congresso e de que forma este poderá contribuir para estimular um ambiente mais empreendedor na sociedade portuguesa?**

Eu vejo o Venture Capital IT como um grande fórum de debate focado nas temáticas do Empreendedorismo e Capital de Risco. O congresso está construído em quatro painéis principais que abordam estes temas sob várias perspectivas.

O destaque deste ano vai para os Business Angels que conseguiram em 2009 e 2010 medidas que eram há muito já reclamadas e que proporcionam condições mais favoráveis à sua actividade (fundo de Co-Investimento e Benefícios Fiscais) e que foram já testadas com sucesso noutros países. Para além dos Business Angels, vamos dar muita atenção às outras opções de financiamento para negócios em fase de early stage bem como em fases mais avançadas.

Por isso convidámos especialistas das áreas de Garantia Mútua e dos Fundos de Capital de Risco. Ao nível do Empreendedorismo daremos prioridade ao empreendedorismo de base local, ao processo que decorre entre a investigação à criação de empresas e posteriormente à internacionalização destas.

Temos ainda um painel que ocupa habitualmente a primeira manhã e que se dedica a acompanhar tendências, que ao nível da tecnologia, quer de modelos de negócio ou de áreas da gestão, sempre numa perspectiva relacionada com o ecossistema empreendedor.

Apesar do enfoque sobre o que se passa em Portugal, procuramos introduzir o conhecimento e experiência de intervenientes internacionais com sub-temáticas que são para a maior parte do público “novidades” pouco debatidas. Vamos ter connosco pelo 4º ano consecutivo um especialista sobre o mercado norte-americano de capital de risco, o que reflecte de certa forma a nossa consistência no sentido de janela aberta ao mundo.

**- No que toca aos business angels, que balanço pode ser feito da aplicação do novo fundo de co-investimento criado pelo Compete?**

**Existem já casos concretos de aplicação das verbas destinadas a entidades veículo?**

Ainda é cedo para fazer um balanço da iniciativa na medida em que ainda estão a ser constituídas formalmente as Entidades Veículo que poderão realizar esses mesmos investimentos.

Acredito que o Venture Capital IT marque um “pontapé de partida” na procura de potenciais investimentos, dado que termos, conforme é próprio do evento, vários empreendedores a apresentarem os seus planos de negócio, empreendedores estes que foram já pré-seleccionados pela equipa da Gesventure e que podem constituir opções de investimento com elevado potencial.

**- De que modo olha para o enquadramento fiscal internacional dos Business Angels e a sua "importação" pelo sistema legislativo e fiscal português?**

Desde que criei o Business Angels Club – há 10 anos – que procuro no estrangeiro boas práticas e exemplos que pudessem ser introduzidos em Portugal para dinamizar e incentivar os Business Angels a investir mais e com mais qualidade.

Actualmente, apesar de continuar a procurar constantemente referências no exterior, reconheço que temos em Portugal boas condições para que os investimentos comecem a acontecer e que servem elas de referência a outros países. De certa forma pertencemos agora ao pelotão dos países que lideram a implementação de medidas favoráveis à actividade dos Business Angels, posição que se reflecte no nosso papel activo no rumo da Associação Mundial de Business Angels.

Conseguimos a aprovação por parte dos Responsáveis do Programa COMPETE, IAPMEI, com especial mérito do Dr Nelson de Souza e do Dr Luís Filipe Costa, e Secretaria de Estado dos Assuntos Fiscais, de um Fundo de Co-Investimento com Business Angels, no montante de 43 milhões de euros, o qual irá abranger 230 Business Angels, inseridos em 56 Entidades Veículo. Concomitantemente a esta medida, foi aprovado um estímulo fiscal correspondente à dedução de 20% dos investimentos efectuados por Business Angels, até ao limite de 15% da colecta.

**- Até que ponto os negócios "verdes" e a influência dos créditos de carbono poderão impor novas regras e/ou constangimentos ao sistema económico e empresarial português?**

Os negócios verdes têm neste momento uma grande procura junto de investidores.

Tudo o que permitir viabilizar ou potenciar esses negócios, sejam os créditos carbono, sejam as tarifas privilegiadas e garantidas na área das energias renováveis, são positivos para os investidores apoiarem essas start-ups.

Quanto mais projectos "verdes" forem apoiados, maior desenvolvimento económico nessas áreas será induzido em Portugal.

**Um outro tema em análise é o do private equity em Portugal. Que análise faz deste mercado, que tendências podem ser apontadas e de que forma este pode estimular o empreendedorismo em Portugal?**

O mercado do private equity em Portugal está bem e recomenda-se. De facto nunca se investiu tanto como em 2009 ano em que se registaram mais de 300 milhões de euros de investimentos ou seja um acréscimo de 13.7% relativamente a 2008. Por outro lado os montantes angariados no mercado por parte das SCR, associadas da APCRI, atingiram o interessante número de 937 milhões de euros o que diz bem do estado de maturidade em que já se encontra o sector de private equity nacional.

Mas se o private equity está com grande dinamismo o mesmo já não se passa no sector de venture capital onde o número de investimentos realizados nas fases de capital semente e start-ups deixam muito a desejar conforme o demonstra o facto de nos últimos três anos apenas se ter registado um investimento em projectos designados por “semente”.

Contudo os quatro concursos, recentemente criados ao abrigo do Programa Compete, no montante de 123 milhões de euros que estarão em funcionamento a partir do corrente mês de Junho irão ajudar a inverter esta tendência uma vez que os mesmos terão precisamente o seu focus nos projectos apresentados por empreendedores nas fases de “pré-semente”, semente e start-up contribuindo assim para um forte impulso do Empreendedorismo qualificado que o nosso País tanto precisa.

***Entrevista dada por Francisco Banha, Presidente da Gesventure, ao jornalista Marc Barros, do Vida Económica acerca do VCIT - Venture Capital IT e do capital de risco em Portugal, a 04/06/2010***